

## **SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE ALUNOS SURDOS E NÃO SURDOS**

### **SEXUALITY AND EDUCATION: A COMPARISON BETWEEN STUDENTS DEAF AND NON DEAF**

Victor Hugo de Oliveira Henrique<sup>1</sup>  
Edna Lopes Hardoim<sup>2</sup>

**RESUMO:** Objetivando conhecer a concepção de sexualidade de alunos surdos (AS) e não surdos (NS) e como a expressam, realizou-se uma entrevista semi-estruturada, empregando recursos visuais, com os alunos do 3º Ano do Ensino Médio. Os dados revelaram que o preservativo é o método contraceptivo mais utilizado por ambos os grupos entrevistados. Entre os AS não há um diálogo muito amplo sobre sexualidade com a família, diferindo dos demais. Quanto a realização de atividades relativas ao tema na escola, entre os AS foi unânime a necessidade de aulas de educação sexual, e uma minoria foi contrária à ideia entre os NS. Para a maioria dos AS a sexualidade está relacionada ao ato da prática do sexo, evidenciando a importância de discussão sobre a temática. Os resultados da pesquisa evidenciaram que os AS conseguem vivenciar sua sexualidade como qualquer indivíduo NS, não tendo sido identificada diferença significativa entre suas concepções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade, educação, alunos surdos.

**ABSTRACT:** Aiming to know the conception of sexuality of deaf and non-deaf students and how they express it, a semi-structured interview was carried out, using visual aids, with the students of the 3rd Year of High School. The data revealed that condoms are the contraceptive method most used by both groups. Among AS there is not a very broad dialogue about sexuality with the family, differing from the others. Regarding the accomplishment of activities related to the theme in the school, among the AS was unanimous the need for sex education classes, and a minority was against the idea among the NS. For most AS, sexuality is related to the act of sex, evidencing the importance of discussing the issue. The results of the research evidenced that the AS are able to experience their sexuality as any NS

individual, and no significant difference between their conceptions was identified

**KEYWORDS:** Sexuality, education, deaf students

## **Introdução**

O processo de ensino-aprendizagem inicia-se quando há uma apropriação dos alunos referente a um determinado assunto abordado pelo docente, que possui um papel importante nesta relação. O professor deve proporcionar algumas condições necessárias neste processo, especialmente no que diz respeito às estratégias que utilizará para efetivar a transposição didática do tema, ou seja, estratégias metodológicas que irão facilitar o entendimento do conhecimento científico, associando-o ao cotidiano do aluno. O saber acadêmico serve de base para legitimar o saber ensinado, cuja mediação é feita pelo professor (RODRIGUES; SCHEID, 2008).

Abordar a temática da sexualidade não é uma tarefa fácil, pois, em muitos casos, a família simplesmente se silencia sobre o tema por medo ou por não terem as informações necessárias, como se isso fosse estimular excessivamente a sexualidade dos filhos, fazendo com que as dúvidas referentes ao tema sejam trabalhadas na escola. A escola, na maioria das vezes, não está preparada, embora esse seja um dos temas transversais propostos pelas Diretrizes Nacionais a ser trabalhado na educação básica. Ainda hoje, o que se vê, são propostas não bem elaboradas, com professores trabalhando a sexualidade apenas quando surge algum “problema”, como gravidez na adolescência ou algum estudante com Infecção Sexualmente Transmissíveis- IST (RODRIGUES; SCHEID, 2008).

No decorrer dos anos, percebeu-se que a Educação Sexual obteve um inegável avanço no âmbito escolar, tornando-se uma medida muito significativa para desconstruir diversos mitos e preconceitos que foram sendo, e ainda são, produzidos na escola. Desse modo, os/as docentes precisam se preparar para abordar e discutir estes e outros temas de extrema relevância social (SOUZA; SANTOS, 2012).

A Educação Sexual já era estimulada desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). De acordo com os PCN, os trabalhos referentes a educação sexual devem ser realizados em três eixos norteadores, são eles “corpo: matriz da sexualidade”, “prevenção de doenças sexualmente transmissíveis” e “relações de gênero”.

Dentro da Educação Sexual, aborda-se a sexualidade que está pre-

sente em todas as faixas etárias, podendo ser compreendida por meio de aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais e corresponde um conjunto de concepções e valores que envolvem a intencionalidade humana e a expressão afetiva de cunho sócio histórico.

A sexualidade envolve, então, uma amplitude de condutas humanas, para além de sua genitalidade, e não deve ser entendida, exclusivamente, como sinônimo de sexo, relação sexual, orgasmo, órgãos sexuais, mas sim, na sua dimensão ampla e cultural, que abrange diferentes sentidos, como o amor, relacionamentos afetivos e sexuais, a sensualidade, o erotismo e o prazer, a expressão da identidade e dos papéis sexuais. Ela inicia-se a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com os pais ou com qualquer outra pessoa que esteja em constante contato com ele (MAIA; ARANHA, 2005).

A sexualidade envolve não apenas a conduta sexual do indivíduo, o ato sexual e a reprodução, mas também, tudo aquilo que remete às situações que nos proporcionam prazer, como os afetos, desejos, a nossa relação com o próprio corpo, as relações interpessoais, bem como o papel sexual que a pessoa exerce (SCHLIEMANN, 2005)

Percebe-se, então, que a sexualidade faz parte sociedade, e pode ser considerada uma questão de cidadania. Neste sentido, seu entendimento deve proporcionar uma reflexão voltada para as múltiplas formas de manifestação humana e o lugar que estas ocupam em nossa sociedade, como o sexo, o desejo, o medo, o amor, o corpo biológico e os papéis sociais/sexuais.

No passado falar de sexualidade dentro do contexto da escola com os alunos era um afronto para a sociedade e o(a) professor(a) era punido de alguma forma. Com isso, questões sobre sexualidade do aluno era omitida dentro da instituição escolar. Segundo Tiba (1994),

Durante muito tempo, a sexualidade foi solenemente ignorada pelas escolas. Os professores agiam como se seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando chegavam à adolescência. Não podia ser diferente; afinal, toda sociedade tratava o tema sexo entre quatro paredes. O melhor método, portanto era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar os alunos o que estava se passando. E como a ordem era reprimir a sexualidade, melhor seria não tocar no assunto para não despertá-la (TIBA, 1994, p.4).

Notadamente observa-se que durante anos o tabu, o preconceito, o medo, o despreparo e os mitos tomavam conta do tema sexualidade, e que a

escola, especificamente, os professores camuflavam o assunto com as censuras sublimadas. A sociedade, em geral, repudiava qualquer tentativa de abordagem do assunto, que deveria ser reprimido para não corromper ou induzir os adolescentes. Assim, essa cultura atravessou gerações.

Atualmente vivemos em uma época de excessos de estímulos sexual em que a mídia promove certo incentivo para o ato sexual sem alertar para a necessária segurança. A questão moral está hoje obscurecida por inquietações sobre o impacto do sexo na qualidade de vida do indivíduo. A televisão, o cinema, a imprensa, a propaganda inundando o cotidiano dos jovens com apelos sexuais jamais vistos por outra geração. E é daí que nasce a fantasia de que toda relação sexual é maravilhosa; visto que o adolescente se deixa influenciar por excesso de estímulos. Por este princípio, percebe-se que o espaço da escola deve ser valorizado para se discutir questões em torno da sexualidade, não como controladora da vontade do sujeito, mas, como instância propiciadora de reflexão sobre a temática.

O professor como um agente importante no processo de ensino-aprendizagem, precisa desenvolver estratégias metodológicas para trabalhar diferentes temas dentro de sala de aula, e para isso ele precisa conhecer a concepção dos alunos sobre esses temas, suas representações mentais. Dessa forma, a pesquisa objetivou compreender a concepção de sexualidade de alunos surdos e não surdos e saber como a expressam, contribuindo, a partir dos resultados, com os professores para que possam elaborar estratégias metodológicas para trabalhar essa temática nas escolas.

### **Sexualidade e o estudante surdo: implicações para educação inclusiva**

Discutir a temática sexualidade dentro da escola, muitas vezes é delegada ao professor de Ciências e/ou de Biologia, que passa a ter o papel de orientador sexual, trabalho que deveria ser de toda a comunidade escolar, conforme previam os temas transversais dos PCNs (BRASIL, 1997).

Como os conteúdos a serem trabalhados são muitos e as escolas, em sua maioria, não têm um projeto multidisciplinar para trabalhar essa temática, a sexualidade acaba sendo abordada nas aulas de Biologia e/ou de Ciências, que trabalham apenas os aspectos biológicos, tais como aparelho reprodutor masculino e feminino, os órgãos sexuais, as DST's e os métodos contraceptivos, sem trabalhar os aspectos psicológicos e socioculturais (RODRIGUES; SCHEID, 2008).

Diferente da sexualidade dos adolescentes tidos como normais, a

sexualidade dos deficientes não é um tema considerado pelos professores e nem é comumente tido como assunto de debates ou palestras.

Quando se trata de sua expressão por pessoas surdas, normalmente, o que acontece é a desconsideração. Professores e profissionais de saúde não têm desenvolvido competência para lidar com essa temática, sobretudo, quando se refere às pessoas com necessidades especiais.

A história da humanidade, assim como a história dos deficientes, varia de cultura para cultura, refletindo crenças, valores e ideologias que, materializadas em práticas sociais, estabelecem modos diferenciados de relacionamentos entre deficientes e não-deficientes. Em uma visão histórico-cultural, a família tende a imprimir, geralmente, às pessoas com deficiências, a ideia de que são incapazes, inábeis, inseguros e assim vão sendo “educados” para serem indefesos, dependentes e, até, considerados por alguns como assexuados e desinteressantes, interferindo no modo de expressar e vivenciar sua sexualidade (MACEDO et al. 2009).

A capacidade de manifestar e sentir amor constitui a essência básica da sexualidade. Demonstrações de ternura, simpatia e atração exprimem amor e afeto e revelam a natureza do indivíduo com ser sexuado.

Em geral, pessoas com deficiência são privadas de orientação sexual e é essa desinformação geral que estimula o preconceito e restringe o direito dessas pessoas ao exercício de uma vida sexual livre, plena e satisfatória. Na adolescência, as pessoas com deficiência anseiam pelo estabelecimento de uma relação amorosa, afetiva e sexual, uma vez que estão expostas às mesmas normas sociais que as não-deficientes (MAIA; ARANHA, 2005).

Diversos autores têm defendido que toda pessoa com deficiência é uma pessoa íntegra na sua sexualidade. Isto é, independentemente das possíveis limitações e complicações que possam ocorrer na manifestação sexual, ninguém se torna assexuado em função de uma incapacidade física, sensorial ou mental (MAIA; ARANHA, 2005; BUSCAGLIA, 1997). Sendo assim, uma pessoa não pode ser considerada assexuada, pois a sexualidade é inerente ao ser social. Há duas décadas, a literatura vem apontando a sexualidade do deficiente como angelical, infantil ou como agressiva e incontrolável. Nesse sentido os deficientes são vistos sob duas premissas: os de anjos, quando a sexualidade é reprimida e não manifesta e os de feras, quando é expressa explícita e inadequadamente. Porém nesses dois casos há uma percepção distorcida sobre a vida afetiva e sexual dessas pessoas (PINHEIRO; LEAL, 2005).

Ao falar sobre o tema sexualidade e deficiências, o mais importante é lembrar que ter vontades e desejos são coisas comuns a todo o ser humano,

bem como suas necessidades de satisfação, seja sexual ou não. A atividade sexual pode ser vista como uma forma de busca por segurança e proteção (MACEDO et al. 2009).

## **Metodologia**

No desenvolvimento da presente pesquisa, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com quinze alunos surdos (AS), utilizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e filmadora para registro da comunicação. Os alunos eram do 3º Ano do Ensino Médio do Programa Educação para Jovens e Adultos (EJA) no Centro Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo (CEAADA) e a 15 alunos não surdos (NS), da mesma série escolar, de uma Escola Municipal de ensino regular.

O Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) é um estabelecimento de ensino que integra uma das quatro categorias de Escolas que compõem a estrutura organizacional da Secretaria da Educação do Estado e tem como finalidade a oferta de escolarização, em nível de ensino fundamental - anos finais e de ensino médio para os jovens e adultos que não concluíram a educação básica na idade própria que desejam retornar a escola para dar continuidade a seus estudos. Inserido no CEJA, temos a EJA, que se caracteriza como uma modalidade de educação inclusiva, ou seja, que tem a preocupação e o objetivo de proporcionar condições para que o jovem e o adulto que por uma infinidade de motivos (dentre eles, o ingresso precoce no mundo do trabalho) se evadiram da escola ou até mesmo não chegaram a frequentá-la, possam a ela retornar ou adentrá-la pela primeira vez, e usufruírem dos inúmeros benefícios que ela pode lhes proporcionar.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada que, de acordo com Lüdke e André, (1986, p.34), é considerada uma ótima ferramenta para a coleta de dados em trabalhos de pesquisa em educação, pois podem dar uma liberdade maior ao entrevistador, já que é aplicada “a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

Os entrevistados foram questionados sobre diferentes aspectos da temática sexualidade, tais como, idade para começar um relacionamento, para ter a primeira relação sexual, personalidade dos alunos, uso de métodos contraceptivos, interferência da família na expressão da sexualidade, meios de buscar informações sobre o tema e atividades que gostariam que fossem desenvolvidas nas escolas.

Todos os estudantes que participaram da pesquisa preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa, uso da imagem, voz e textos com fins de divulgação científica.

## Resultados e discussão

A maior quantidade de alunos não surdos (NS) possui menos de 18 anos, já entre os alunos surdos (AS) a faixa etária se concentra acima dos 30 anos de idade (Tabela 1), evidenciando que o AS, entra na escola mais tardiamente. Talvez por uma pseudoproteção da família, que interfere, assim, no processo dinâmico de participação das pessoas no contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais, possibilitando a ampliação de sua percepção de mundo e permitindo sua expressão.

O desejo e as descobertas da sexualidade são sinais de saúde. Mas quando o adolescente com deficiência começa a sair, a conhecer pessoas, namorar e buscar uma vida sexual ativa, a família perde o controle sobre suas atividades, o que pode gerar medo de que ele seja rejeitado ou até mesmo abusado sexualmente. Com o intuito de proteger os filhos com deficiência, os pais costumam tratá-los como eternas crianças, negando assim o seu direito de expressar sua sexualidade (MACEDO et al. 2009).

A sensação da mudança do corpo de criança para adolescente traz conflitos para o jovem, que antes tinha controle sobre seu corpo e, é preciso aprender a lidar não apenas com ele, mas também com o desejo e a nova sexualidade que desponta, desencadeia pensamentos, sensações e, conseqüentemente, comportamentos que provocam um turbilhão de dúvidas e de emoções até então desconhecidas (HARDOIM; MIYAZAKI, 2012).

Com relação ao sexo dos sujeitos da pesquisa, tanto entre os alunos NS quanto entre os AS, houve uma predominância do sexo masculino - 9 do grupo NS e 8 AS; um ouvinte não respondeu. Os respondentes de ambas as categorias, em sua maioria, se auto afirmam heterossexual (Tabela 2).

Quando perguntados sobre qual a idade ideal para se iniciar um namoro, entre os alunos NS houve uma predominância (60%) entre 15-18 anos de idade, enquanto que no grupo dos AS a melhor idade ficou na faixa de 19-20 anos (33,33%). Já com relação à idade adequada para a primeira relação sexual a faixa etária de escolha da maioria dos alunos NS foi coincidente com

a do início do namoro, ou seja, consideram possível ter relações sexuais desde os prelúdios do namoro. Todavia, 46.66% dos AS entrevistados pensam que a idade ideal para a primeira relação sexual é acima dos 25 anos de idade e os demais ficaram distribuídos em quatro outras faixas etárias (Tabela 3).

Generalizar a intencionalidade das pessoas para iniciar a prática sexual é abrir um campo para equívocos e até preconceitos, cerceando a liberdade individual de manifestar suas diferenças. Para uma pessoa com deficiência, a descoberta do corpo e do prazer em manipulá-lo pode ocorrer tardiamente. Na puberdade quando o corpo já está desenvolvido, os deficientes podem manifestar inadequadamente as condutas sobre seu corpo e como manipulá-lo por falta de aprendizado, o que pode levá-los à ansiedade e a sofrer repressões sociais. Com o avanço da idade, a socialização e a interação com outras pessoas podem ficar ainda mais restritas e limitadas ao ambiente familiar. Há, até mesmo, relatos de casos de abuso no ambiente domiciliar.

Para Macedo et al. (2009) tal situação evidencia a importância de trabalhar a temática sexualidade nas escolas, mas para isso, é necessário um preparo de toda a comunidade escolar. Talvez uma forma seja por meio da comunicação total, defendida por Ciccone (1990), que implica em uma completa liberdade na prática de quaisquer estratégias, que permitam o resgate da comunicação, total ou parcialmente, com a pessoa surda. Seja pela linguagem oral, língua de sinais, datilografia, pela expressão corporal e facial, ou ainda, pela combinação dessas possibilidades, o que importa é aproximar as pessoas e permitir contatos.

Acreditamos, assim como Flores (2004), que a educação para uma saúde sexual e livre expressão da sexualidade, é uma das instâncias que poderão responder à necessidade de transformação social, dado seu papel da educação como de transmissora do conhecimento, formadora do pensar e responsável pela mudança de comportamentos.

Conversas sobre sexualidade ocorre mais entre amigos no grupo dos AS enquanto que entre os NS existe um diálogo maior com o parceiro/a, e uma minoria conversa com os pais sobre o tema, evidenciando um distanciamento da família na discussão do assunto (Tabela 4). Dentre a comunidade surda, os pais acham que seus filhos deficientes são incapazes de expressar a sua sexualidade, negligenciando diálogo com os mesmos sobre sexualidade, fazendo com eles recorram aos seus amigos (MACEDO et al. 2009).

Quando questionados sobre a personalidade, a maioria dos alunos NS se intitula tímida (60%), calmos (20%), com relação à liderança e atirados (6,66%). A maioria dos AS se disse calma e tímida (33,33%), seguido dos atirado

e líder (20%) e, por último, nervoso/ansioso (6,66%). Esses dados ajudam a interpretar os dados da Tabela 04, o fato de a maioria dos alunos, tanto surdos, se considerarem tímidos, faz com que eles se interrelacionem melhor com seus amigos, já que a família não orienta muito seus filhos nesta temática. Todavia essa atitude não tem sido exclusiva do surdo, mas também de ouvintes. Dada a relevância do tema, acreditamos que deva haver clara discussão sobre a temática entre adultos e adolescentes inexperientes.

A maioria dos alunos surdos (11) e dos não surdos (12 alunos) está satisfeita com o corpo que possuem. Dentre as atividades que mais gostariam que tivesse na escola, para a maioria dos alunos NS, gostaria de palestras sobre sexualidade (sete alunos), seguido de filme com debates e aulas de educação sexual (quatro alunos cada). Com os AS houve um empate entre as opções palestras e filmes com debates (seis alunos cada), seguido de aula sobre educação sexual (3 alunos). Referente as aulas de educação sexual na escola, a grande maioria dos AS (80%) concorda e apenas 3 alunos discordam. Já entre os alunos NS, foi unânime, todos concordam que deve ter aulas de educação sexual na escola. A pequena resistência de alguns AS em não ter aulas de educação sexual na escola pode se dar pela idade, pois a maioria possui mais de 25 anos de idade e alguns ainda conservam certos valores arraigados e acham que o assunto não ser tratado na escola. (Tabela 4) .

Tentar compreender as relações humanas e a expressão de sua sexualidade por meio de filmes, sejam eles quais forem, desde que abordem o assunto, não é algo simples, dada a dimensão da temática e grande falta de informação que afeta muitas pessoas. É importante, e necessário, o entendimento da dimensão do tema, e que os assuntos abordados dentro da sexualidade estão ficando cada vez mais diversificados.

Pensando nisso, o cinema entra como uma alternativa simples, todavia sem deixar de ser sério e crítico, de abordar aspectos pontuais relacionados às diversas manifestações da sexualidade (CHASKO;PREVIATO, 2013). No caso do uso do cinema para a formação e informação acerca das questões da sexualidade, diversidade sexual e de gênero, os participantes “são capazes de se identificar com o drama, sofrer com o personagem (...), pois o sofrimento e as alegrias no filme representado dizem respeito à condição humana.” (ARAUJO; VOSS, 2009). Para os NS as palestras são importantes e os AS se dividiram entre as opções apresentadas na Tabela 5.

Apesar da maioria dos AS não discutir sobre sexualidade com a família, vários deles (46.66%) concordam que há forte influência da família na forma de viver sua sexualidade, pelo fato de ainda conservarem certos valores.

Valores morais são as coisas aprendidas como direitas ou erradas, desejáveis ou indesejáveis, de acordo com os costumes da cultura em que estamos inseridos. Os valores morais são reforçados pelo exemplo de pais, parentes, e, em alguns exemplos, pela lei. Para Pozza (2010) podem surgir tabus, inseguranças, medos, etc. que surgem da relação dos valores distorcidos relacionados as questões sexuais.

É importante mencionar a importância da família na educação dos jovens surdos. A família é a primeira instancia social da qual a criança faz parte, ela é o ponto de apoio e sustentação do ser humano. Por isso quanto melhor a parceria entre família e escola, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. A família necessita acreditar que o surdo, se for trabalhado desde cedo, e se houver uma estimulação correta e intensa, será capaz de integrar-se perfeitamente no grupo dos ouvintes, já que, intelectualmente, não tem nenhum comprometimento que o impeça de aprender, desenvolver-se, de expressar sua sexualidade e, conseqüentemente, apresentar um desempenho semelhante ao do indivíduo de audição normal.

A consciência do uso de métodos contraceptivos é bem forte, tanto entre os alunos surdos quanto entre os ouvintes. Os AS quando questionados sobre esse tema, sempre citavam o cuidado para não engravidar antes do tempo e sua preocupação com a AIDs, a maioria faz uso do preservativo (oito alunos) seguido da pílula anticoncepcional (cinco alunos) e dois alunos são virgens, ou seja, nunca tiveram relações sexuais e, conseqüentemente, não fazem uso de métodos contraceptivos. A maioria dos alunos ouvintes também faz uso do preservativo (60%), seguido da pílula, dois de cada grupo de sujeitos não fazem uso de método algum e dois alunos não responderam.

A fonte de informações mais usada pelos AS sobre sexualidade é a TV (53,33%), seguido do professor (20%) e depois revistas e amigos (13,33%), com os alunos NS a maior fonte de pesquisa é a internet (33,33%), depois amigos (26,66%), revistas (26,66%) e a família (13,33%).

As ideias defendidas por Vygotski (1989) refutam a teoria de que crianças com alguma deficiência ou cujo desenvolvimento foi impedido por um “defeito” não possam ter oportunidades semelhantes às de outros indivíduos. O surdo não é simplesmente uma pessoa menos desenvolvida do que seus pares, mas alguém que se desenvolve de modo diferente, o que não implica numa percepção de mundo ou de si mesmo diferente. O autor afirma que os problemas dos sujeitos com deficiência não são de cunho biológico, mas, sobretudo, social. Assim, também, a natureza dos processos compensatórios para o desenvolvimento do aluno com deficiência deve ser social e não biológico.

É importante que o professor expanda seus conhecimentos acerca do assunto, objetivando auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo às dúvidas de forma esclarecedora, respeitando a opinião de cada educando. Se o educador não for preparado e não possuir informações adequadas, poderá transportar seus valores, crenças e opiniões como verdades absolutas, não permitindo aos alunos a autonomia para desenvolver seu conhecimento (RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

É preciso que os (as) docentes assumam o desafio de garantir a todos os alunos o direito a uma educação de qualidade, que não pode ser prejudicada seja pela cor da pele, orientação sexual, identidade de gênero, ou seja, é necessário que trabalhe com a diversidade que há na sala de aula. Para o professor, tratar esta temática abordada - a sexualidade, pode se tornar ainda mais difícil quando o público alvo de nossa orientação está composto de pessoas surdas, visto que se somam duas dificuldades: a abordagem do tema que, em geral, está revestido de mitos e tabus, além do fato das dificuldades de comunicação existentes entre surdos e ouvintes.

### **Considerações finais**

Do que foi pesquisado e com os resultados obtidos, pudemos concluir que muitos dos alunos surdos, sujeitos desse estudo, não sabem diferenciar sexualidade de relação sexual. Quando questionados sobre aulas de educação sexual e sexualidade na escola, a maioria foi contra, mas quando se especificava sobre ISTs e preservativos, eles mudavam de ideia.

A pesquisa foi importante para saber o conhecimento prévio dos alunos surdos (AS) e não surdos (NS) para contribuir com a desmistificação de alguns tabus quanto a sexualidade de deficientes. Todavia, é necessário desenvolver métodos específicos para trabalhar a temática sexualidade com os alunos, independentemente de haver deficiência sensorial ou não. Outra questão que se impôs durante esse trabalho foi a necessidade de pesquisar se os professores estão, ou não, abordando esse tema na sala de aula e a quais estratégias pedagógicas têm sido empregadas.

Entendemos que nossa caminhada na busca de um modelo educativo, que diminua as dificuldades de compreensão dos surdos quanto a esta temática ainda será longa, mas certamente um grande passo para resgatar para este grupo o direito à liberdade de pensar livremente e assumir ideias de acordo com sua própria convicção. A base para esses trabalhos, sem dúvida,

é a pesquisa. Embora muito mais mudanças sejam necessárias para incluir o surdo na sociedade, espera-se que a educação sexual possa ser uma chave para reduzir o risco de rupturas nas famílias, o aumento da autoconfiança, e o encorajamento nos relacionamentos.

Agradecimentos: À Profa. MSc Tatianne Fernanda Lopes Hardoim, professora de Libras da UFMT, pelo apoio na interpretação e tradução durante as entrevistas dos alunos surdos.

## Referências

ARAUJO, A. R.; VOSS, R. C. R. Cinema em sala de aula identificação e projeção no ensino/aprendizagem da Língua Inglesa. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 126p. 1997.

BUSCAGLIA, L. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CHASKO, J.; PREVIATO, R.; Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel: Cinema em ambiente escolar. In. XI Encontro Nacional Universitário sobre Diversidade Sexual. Matinhos. *Anais... Matinhos/PR - UFPR*. 2013.

CICCONE, M. *Comunicação Total*. Rio de Janeiro: Cultura Médica. 1990.

CRUZ, A. C.; OLIVEIRA, S. M. P. *Sexualidade do adolescente: Um Novo Olhar sem Mitos e Preconceitos*. Monografia (Graduação em Pedagogia - UNAMA) Belém/PA, 2002.

FLORES, Ainda Mair Prado. *Sexualidade: representações de professores do Ensino Médio*. Dissertação (Mestrado em Educação – UFSM). Santa Maria/RS, 2004.

GESUELI, Z. M. *A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, Campinas, 1998.

HARDOIM, E. L.; MIYAZAKI, R.S. *Saúde e Sexualidade*. Cuiabá: UAB/UFMT, 2012.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D.R. (Org.). *O Aprendizado da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamon e Fiocruz. 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 123p.

MACEDO, F. N.; TERRASSI, E.P.; Sexualidade de adolescentes portadores de diferentes deficiências. In DÍAZ, F.; BORDAS, M.; GALVÃO, N; MIRANDA, T.; (Org.) *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas*. - Salvador: EDUFBA, 2009.

MAIA, A. C.; ARANHA, M. S. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação em Psicologia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005.

PINHEIRO, A. L.; LEAL, I. Sexualidade na deficiência mental. *Revista Integrar*, 2005.

POZZA, P. *Sexualidade e valores*. Disponível em: <[http://www.notisul.com.br/n/colunas/sexualidade\\_e\\_valores-26196](http://www.notisul.com.br/n/colunas/sexualidade_e_valores-26196)> Acessado em Janeiro de 2018.

RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A. M.; A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014.

RODRIGUES, L. R.; SCHEID, N. M. J.; Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto. *Educação*, v. 33, n. 3, set/dez. 2008.

SCHLIEMANN, A. P. Sexualidade – adolescência – deficiência mental: um desafio a pensar. In. Simpósio Internacional do Adolescente, 2., 2005. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Faculdade de Psicologia da PUC/SP - Departamento de Psicologia do Desenvolvimento, 2005.

SILVA, A. M. *Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos*. 1ª ed. Curitiba: Ibpex, 2010.

SOUSA, E.; SANTOS, C.; Educação Sexual na Escola: Desconstruindo mitos e preconceitos acerca da sexualidade, gênero e diversidade sexual. In. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. *Anais...* SE/Brasil. 2012.

SOUZA, L. L.; ROCHA, S. A. (Org). *Formação de educadores, gênero e diversidade*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

SOUZA, L. L.; SALGADO, R. G. *Infância e juventude no contexto escolar: gêneros e sexualidades em debate*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

TIBA, I.; *Adolescência: O despertador do sexo*. São Paulo: Ed. Cortez, 1994

VYGOTSKY, Lev S. *Fundamentos de defectologia*. Obras completas - tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

**Data de recebimento: 18.01.2018**

**Data de aceite: 06.10.2018**